**A NATUREZA ENQUANTO ESPAÇO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O MATERIAL RIOEDUCA**

Thais Barcelos SME-PCRJ/ISERJ

Josele Teixeira SME-PCRJ/ IEBL

**Resumo**:

Este trabalho tem como objetivo propor algumas reflexões acerca dos materiais impressos de 2024 ofertados pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro para as crianças da Educação Infantil. O texto discute a complexidade que é pensar um material levando em consideração os campos de experiências e os direitos de aprendizagens. Ao compreender todo as especificidades das práticas pedagógicas e curriculares da Educação Infantil. No ano de 2024 o material Rioduca teve como proposta principal pensar a relação da Criança com/na Natureza. A intenção deste material era a de oferecer ideias e apontar caminhos, por meio de experiências que oportunizassem as crianças a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra. Neste sentido, reafirmamos a importância de propiciar momentos de brincadeiras com e na natureza, de promover experiências com diferentes elementos naturais, afinal a natureza é um espaço educador que oportuniza as crianças construírem seus conhecimentos através das suas experimentações e suas interações. Para fundamentar as discussões dialogaremos com a TIRIBA (2005, 2014), sobre a importância de ter um contato frequente com/na natureza para o desenvolvimento, aprendizagens da criança e com os documentos legais para pensar a especificidade do fazer pedagógico e curricular na EI.

**Palavras-chave**: Educação Infantil; Natureza; Experiências, Material Rioeduca

**PARA COMEÇO DE CONVERSA...**

Ailton Krenak (2023), indígena do povo Krenak, filósofo, poeta e autor de livros, nos convida a reflexão: observando os voos dos pássaros, percebemos que eles voam pelo céu e não deixam marcas. E nós, seres humanos como nos relacionamos com o nosso planeta? Quais as marcas estamos deixando? Quais os impactos elas estão causando na vida do nosso planeta?

Ao se entender como um ser separado da natureza, o humano passou a identificar a natureza apenas como um recurso a ser explorado e que durante um período histórico foi compreendido como aquilo que estaria a nossa disposição infinitamente.

No padrão dominante da nossa sociedade, a natureza é algo que está distante de nós. Ela está apenas a nosso serviço, seja quando exploramos seus recursos para fazermos nossas traquinarias e assim mantermos nosso padrão de consumo desenfreado. No máximo nos aproximamos dela nos momentos de muito estresse e estafa quando sentimos que precisamos relaxar. A relação tecida com a natureza das sociedades capitalistas e ditas modernas se visam apenas trazer o bem-estar para a espécie humana. É um contato, muitas vezes, assepsiada e higienizante. Já que a natureza é entendida como algo que é sujo, que pode nos gerar inúmeras doenças, perigosa, caótica (como se fosse algo negativo) e por isso deve ser dominada.

Elegemos como hegemônico um modelo escolar que vai ao encontro dessa separação, tanto na sua proposição arquitetônica, quanto nas suas propostas curriculares e nas suas práticas pedagógicas cotidianas. Esse modelo de escola se restringe ou prioriza apenas alguns sentidos: a visão e a audição. Esse ideal de ambiente escolar é projetado na tentativa de “dominar” a natureza dos seres, inclusive das crianças. São espaços que não priorizam o vivo: o movimento, o desejo, a energia vital. Neste contexto, já algum tempo está sendo denunciada a emergência planetária que estamos vivendo. A pergunta que fica seria: o que nós da educação de crianças pequenas temos com isso?

Creches e pré-escolas são espaços privilegiados que oportunizam as crianças terem outras vivências fora do seu núcleo familiar, experiências coletivas e comunitárias. São nesses espaços que as crianças experimentam suas primeiras impressões, sensações, sentimentos do ser e estar no mundo. E desta forma, não podemos reforçar as dicotomias entre humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente.

Em uma educação infantil que tenha um compromisso com a vida é fundamental promover experiencias na qual a criança possa estar na natureza e se conectar a ela. Propiciar momentos de brincadeiras com e na natureza, de oportunizar experiencias com o contato com diferentes elementos naturais. O encontro com a sua natureza que permite a criança a despertar sua curiosidade, nutrir sua imaginação e criar suas hipóteses. A natureza é um espaço educador que oportuniza as crianças tecerem seus conhecimentos através dessas interações. Estar em relação com a Natureza e em espaços abertos é um convite as crianças a descobrirem que a nossa espécie não é única no nosso planeta, que existem uma diversidade de outras naturezas com suas características e saberes. O que podemos aprender com as formigas, como as árvores que crescem nos nossos territórios, com os movimentos das ondas, por exemplo. Atualmente, é mais comum, as crianças que moram nas cidades conhecem uma diversidade de tipos de “Pokemóns”[[1]](#footnote-1), do que animais ou de árvores que convivem com eles nos seus próprios territórios.

**Material Rioeduca Educação Infantil: Estabelecendo Reflexões**

Tendo como base conceitual as discussões mencionadas anteriormente a Secretaria Municipal de Educação- SME, representada pela Coordenadoria de Primeira Infância, elaborou, em janeiro de 2021, o material Rioeduca, uma política pública implementada pela prefeitura do Rio de Janeiro, nas quais são elaborados e distribuídos materiais impressos para todas as crianças matriculadas na rede municipal de educação da creche à EJA.

Durante o ano de 2023 este material teve como proposta principal pensar a relação da Criança com/na Natureza, buscando desta forma, apontar caminhos, por meio de experiências que oportunizassem as crianças a interação, o cuidado, o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra. Outro aspecto foi ampliar o reconhecimento da natureza como um espaço educador importante para o desenvolvimento e para as aprendizagens de nossas crianças.

A primeira versão do material Rioeduca ocorreu em 2021, quando ainda vivenciávamos um contexto de pandemia e de atendimento remoto. Neste sentido, o objetivo principal do Material foi levar às crianças, em suas residências, propostas que, envolvessem a participação dos familiares e proporcionassem momentos de interações e brincadeiras, atendendo aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (2017), que determinam que o currículo da EI deve se organizar em campos de experiência[[2]](#footnote-2).

Desse modo, o material Rioeduca da EI visa subsidiar os profissionais no planejamento das propostas a serem ofertadas às crianças, na perspectiva do currículo organizado em campos de experiência que garanta os direitos de aprendizagem e se estruturem nos eixos interações e brincadeiras.

Justamente porque sua base não é pensada em uma perspectiva de EI preparatória, mas sim em uma EI cujo currículo é pautado nas relações. Logo, as propostas sugeridas no Material buscam ser lúdicas, significativas, contextualizadas e não podem, jamais, restringir a brincadeira, a imaginação, a criação e a curiosidade de nossas crianças.

Nessa direção, este material busca inspirar propostas, não como um manual prescritivo, mas como um propulsor de experiências, o que faz com que ele precise ser compreendido também como um material formativo para o docente, de modo a contribuir com o trabalho do professor e ampliar as suas possibilidades de interlocução com as diferentes propostas ofertada.

Em 2023 as propostas elaboradas convidavam crianças, professores e famílias a colocar em prática a proposta de *desemparedaredamento* (TIRIBA, 2005), valorizando a permanência das crianças nos espaços externos e a interação com biodiversidade local.

A implementação da política pública de distribuição de material impresso para educação básica do município traz consigo inúmeras contradições, principalmente, na Educação Infantil, tem em vista a especificidade de sua organização curricular e suas práticas pedagógicas, entretanto, a tentativa com esse material era promover propostas nas quais as professoras e família pudessem estar juntas com crianças se interrogar sobre quais tipos de relações estamos tecendo com a Natureza e consequentemente nossas crianças estão herdando. Ao longo desse movimento questionamentos sobre a heterogeneidade da nossa cidade tanto no que diz respeito a segurança pública, quanto a distribuição de áreas verdes, de lazer da nossa cidade, assim como a projeção dos espaços destinados à Educação Infantil foram feitas, o que vimos como sendo algo essencial quando nos propomos a pensar de forma crítica essa relação.

**Por uma outra perspectiva: conhecimentos e histórias afro-indígenas**

Em paralelo a implementação da política que previa a elaboração e distribuição de materiais didáticos impressos para toda educação básica do município, a SME-Rio também inaugurou a Gerência de Relações Étnico-Raciais (2020) que visam fomentar discussões e reflexões para a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Dessa forma, esses debates passaram a ganhar maior destaques nos materiais produzidos pelo município, como é o caso do material Rioeduca.

O material Rioeduca buscou ter como compromisso a aplicabilidade das leis 10639 e 11645, que inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da história e cultura Afro-Brasileira e Indígena. Com isso, a diversidade, assim como as experiências são princípios que sustentam todas as propostas. Elas perpassam as experiências com o corpo, com a literatura, as brincadeiras, entre outras, evidenciando que ERER são vivências cotidianas que promovem o autoconhecimento e a autovalorização de crianças, de adultos, de suas origens e de suas histórias.

O material Rioeduca buscou apresentar e trazer para os cotidianos das nossas unidades de educação infantil conhecimentos, saberes e tecnologias afro-indígenas, demostrando que existem outras formas de nos relacionarmos comunitariamente e com os outros seres da natureza.

Muitos dos princípios explicativos de mundo indígenas e africanos têm seus conhecimentos baseados, seus saberes e tecnologias intimamente relacionada com a natureza, numa relação de parentesco (KRENAK, 2020). Desta forma, o material Rioeduca 2023 buscou caminhar nas proposições do sentir/fazer/pensar de alguns povos indígenas e quilombolas justamente para mostrar que existem outras formas de se relacionar com a nossa natureza e com as outras espécies da natureza, e que devemos nos inspirar nelas.

Para tentarmos romper, é preciso reconhecermos que estamos imersos a uma lógica de pensamento *antropocena*. Termo que descreve a nova era geológica, na qual o comportamento (atividades) humano toma um papel de centralidade e afeta de forma duradoura os ecossistemas da terra. Mas é necessário ir além, não se estagnar em um *Antropoceno Branco* (Kathryn Yusoff). Nesse sentido, tomamos como sugestão a crítica proposta por Ferdinand (2022), que reinscreve o problema nos termos do *negroceno*. Para o autor, os termos da raça, racismo e colonialismo estruturam a Modernidade e somam-se a essas violências as inscritas nos termos dos crimes ambientais. Dessa forma, o chamado antropoceno está atrelado as dimensões de uma *dupla fratura colonial* que intersecciona raça/racismo aos ataques ambientais.

cuja a geologia apaga as histórias dos não brancos, um *imaginário* de “crise ecológica” ocidental da “crise ecológica” que apaga o fato colonial. Persiste também uma arrogância colonial por partes dos atuais “colapsólogos”, que falam de um novo colapso ao mesmo tempo que ocultam os vínculos com a colonizações modernas, as escravidões e os racismos, o genocídio dos povos autóctones e a destruição de seus meios. (FERDINAND, 2022)

Não dá para propor outras lógicas de entendimento e de relacionamentos planetários se não admitirmos, assumirmos e buscarmos práticas de reparação a lógica de violência, de exploração e escravização na qual principalmente as populações originárias das Américas e as Africanas foram e ainda submetidas. Quando pensamos/praticamos uma educação que se põe a questionar a lógica antropocena, entendendo que somos seres parte da natureza e vivemos devemos nos relacionar de forma mais integrada e sustentável as outras espécies, temos que levar em consideração também como sentimos nossa natureza e quais cuidados estamos tendo com ela.

As práticas educativas não se limitam aos espaços fechados. A lógica de trancafiarmos nossas crianças em salas de aulas durantes muitas horas, tem a ver com necessidade de *docializar os corpos* como nos fala Foucault (1987). *Emparedadas, elas vão sendo despotencializadas, adormecidas em sua curiosidade, em sua exuberância humana* (TIRIBA, 2005).

As crianças têm a tendência a ter curiosidade e se aproximar das coisas vivas, essa tentativa de conexão os pesquisadores denominou de biofilia. Mas à medida que somos afastados dos ambientes naturais essa afeição e esse desejo de conexão com a Natureza deixa de se desenvolver. Se buscamos uma Educação Infantil que promova relações mais democráticas e ecológicas, de uma educação que valorize e celebre a vida precisamos partir de alguns pressupostos.

**Considerações Finais**

Para que superaremos as dicotomias impostas por um modelo hegemônico de estar e pensar o mundo que nos separa da natureza e nos imprimindo a falsa ideia de que somos seres superiores e autossuficientes dentro do contexto planetário, precisamos oportunizar uma educação que permita que as crianças se entendam como parte da natureza e principalmente ame, valorizem e cuidem da sua própria natureza. Oportunizar uma educação infantil que se volte para o simples, para o miúdo e principalmente para o criativo.

Apesar dos problemas suscitados em apostar no material impresso padrão para toda a Educação Infantil de uma rede de ensino, a proposta do Rioeduca, neste ano de 2023, teve como objetivo principal convidar as crianças, professoras e famílias a valorizarem os momentos em espaços abertos e principalmente, em espaços naturais. Por ser um material formativo também para as professoras e as famílias buscou levantar uma discussão que reafirmasse que as aprendizagens dos bebês e crianças pequenas se dão de corpo inteiro, e que as interações das crianças com Natureza precisam ser valorizadas e cotidianas, pois só criamos sentimento de pertencimento e de valorização com aquilo que nos encontramos e temos a oportunidade de conhecer.

**Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular Educação Infantil. Brasília, 2018.

\_\_\_\_. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. D.O.U. de 11 de março de 2008.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FOUCAULT, M. . Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

KRENAK, Ailton. Um rio um pássaro. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A vida não é útil. São Paulo. Cia das Letras, 2020.

SILVA, A.; TIRIBA, L. (Orgs.). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

TIRIBA, L. Crianças, natureza e educação infantil. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

1. Pokémon:série de jogos eletrônicos e desenhos animados. [↑](#footnote-ref-1)
2. São as diferentes situações organizadas pela escola e pelos professores por meio das quais as crianças poderão interagir e conviver com situações que permitam a elas conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se e se movimentar. Têm como objetivo o desenvolvimento da criança e a centralização da aprendizagem nos seus interesses. Essa organização compreende que as práticas pedagógicas são organizadas com intencionalidade e levam em consideração que bebês e crianças aprendem e se desenvolvem a partir de experiências cotidianas. Vale ressaltar que os campos de experiências orientam o currículo da EI, sendo respectivamente estes: O eu, o outro e o nós; Corpo, gesto e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. [↑](#footnote-ref-2)